

Redacção, Administração, Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica as segundas-feiras. Não se devolvem os originais. — Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 120 \$50; Provença, 3 meses 200 \$; Africa Portuguesa, 6 meses 700 \$; Estrangeira, 6 meses 1100 \$.

QUINTA FEIRA, 8 DE OUTUBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2104

Depois de ter conquistado palmo a palmo as minguadas regalias que usufrui, o operariado tem que dispôr-se a não consentir que lhe baixem os salários

Nós, o operariado português, estamos longe de disfrutar uma situação económica equilibrada. A deficiente remuneração do esforço mal dá para manter uma vida de ficções, em que muitas vezes se busca exteriorizar uma felicidade não sentida, um aparente bem estar que uma fácil investigação desmente. Essa felicidade e esse bem-estar aparentes, decrescem ainda proporcionalmente se nos dermos a estabelecer comparações entre a vida dos assalariados portugueses e a dos assalariados de outros países, onde o sistema capitalista, também duro, também tirânico, sem descurar os seus interesses, é menos usurário e mais previdente. Lá fora também se explora, mas essa exploração é conduzida num sentido mais prático, de maneira a que o produtor, pelo menos, não perca o gosto pelo seu *metier*, e nos locais do trabalho, desprendidos um pouco das necessidades do lar, possam ir transmitindo às suas manufacturas o todo do seu espírito artístico. Isto dá-se até nos países que ainda se regem pelos princípios mais conservadores.

Em Portugal, país de balofas exteriorizações, civilizado segundo se afirma e progressivo segundo se pretende, o patronato é conservador até à medula. E esse conservantismo manifesta-se em tudo; desde os processos antiquados de exploração industrial até aos processos governativos, num rotineirismo de assimilação e dependência do industrialismo estrangeiro e numa cópia constante das leis coercitivas rebuscadas, tiradas e afagadas constantemente dos céstos das inutilidades em que fingiram lançá-las, por desprêso e por impropriedades dos democráticos tempos que correm...

Para o operário do «nosso» país a vida de difícil torna-se por vezes impossível. Em matéria de habitação, vive-se em tugúrios anti-higiénicos numa promiscuidade revoltante, desumana e imoral, depois de nos tempos áureos terem businado aos ouvidos dos crédulos que lhes seriam dados, por preços compatíveis, bairros modestos mas confortáveis e limpos — os célebres bairros sociais, coílos das escandaleiras, de alguns dos quais restam uns princípios irrisoriamente em ruínas, tendo outros servido de excelentes moradias para burgueses ou semi-burgueses. A par de isto, nem assistência, nem instrução para os filhos, nem o direito de recrear e educar o sentimento, numa palavra, a negação da Vida no que ela deve ter de mais humano, de mais honesto e de mais belo.

O grande, o maior de todos os pesadelos para o operariado tem sido a carestia da alimentação, do vestuário e de tudo o mais indispensável. Nela pode filiar-se a enorme série de lutas, de violências, de crimes e de defeitos. Durante anos a esta parte a avareza cega e surda de uns quantos refestelou-se impudica e impunemente sobre a miséria do maior número. Quem siga dia a dia a série dos chamados «casos de rua» e se dê a investigar das causas de tanto suicídio, de infanticídios, assassinios, roubos e outras cenas de miséria moral, a não ser que tenha o espírito embotado e insensível, não deixará de, confrangido, lançar um anátema sentido contra a Sociedade que os gera, os fomenta e deles se sustenta.

Contra a carestia da vida o operariado sustentou as mais árduas e vigorosas lutas. Iniciou-as reclamando mais salário, tendo a ganância do comércio já lhe tirado sobrecarregado os géneros em mais 30 por cento e passados alguns anos olhou atrás e viu a inanição dos seus esforços, a efemeridade dos aumentos conseguidos, que se tornaram um pretexto para maiores espoliações dos mercadeadores. E aqueles mesmos que nos movimentos de conquista de mais salário insinuavam que o que seria acertado era o lutar-se pela baixa do custo da vida, ajudaram a esmagar o formidável movimento de 18 de Novembro de 1918.

E mau grado nosso voltámos às lutas, inglórias mas inelutáveis, por mais salário, até que uma estabilização se produzisse.

Há tempos que se não verifica uma reclamação de aumento de salário. Porque vivamos bem? Não, muito longe disso. Porque o capitalismo nos enredou numa teia, tolhendo-nos um pouco os movimentos; teia que é feita de crise de trabalho, de perseguições, de prisões e deportações. Mesmo porque a situação, não sendo equilibrada, era todavia estacionária. E dizemos era porque deixou de o ser desde que o capitalismo, supondo-nos imponentes para esboçar sequer um gesto de resistência, vermina no sentido de, na impossibilidade de avolumar o recheio dos seus cofres pelo ainda maior aumento dos produtos, avolumá-lo com uma parte dos já minguados salários dos seus assalariados.

O ataque já foi lançado, e a resistência já se esboçou. Ontem foram os industriais corticeiros, hoje, em Aldegaia, são os industriais chacinheiros. Estes últimos têm pela frente uma classe de mulheres que, não organizadas nem adestradas, souberam responder à extorção com a greve.

Em várias fábricas e pequenas oficinas, subrepticiamente, procura-se diminuir os salários. Tudo nos indica, pois, uma nova fase da luta contra o patronato. Depois de ter lutado por mais salário e contra a carestia da vida, o operariado deve organizar-se e preparar-se para a luta contra a baixa de salários que nada justifica, pôsto que os preços dos géneros essenciais à vida, se oscilam, é num bailado macabro, subindo uns e descendo os outros para depois voltarem a descer os que subiram e a subir os que desceram. Isto, até que o operariado se capacite para conseguir um remédio que não virá das mãos dos outros, dos políticos, mas que será filho da acção exclusiva dos que sofrem; a Revolução.

Notas & Comentários

Os dejectos de Azeito Gnecco

O dr. Ramada Curto envidado como anda com a importância política considerável do partido socialista fala sobre a «massa inerte na vida política e de representante da burocracia do operariado». Quanto à segunda parte recordamos que na C. G. T. não há burocratas e que não somos nós que pertencemos ao Conselho Superior da Administração Financeira do Estado e à Caixa Geral dos Depósitos. A C. G. T. não há dúvida que é uma força inerte, principalmente posta em comparação com um agrupamento bastante incolor e vago. A não ser que os dejectos de Azeito Gnecco misturados com dois políticos deslocados dos grandes partidos tenham tal força que lhes permita chamar à C. G. T. «massa inerte».

Moral cristã

«La Libre Pensée Internationale» conta-nos que Alberto Dorchak, o jovem assassino de Denver (Estados Unidos) era muito religioso, não faltava à missa, confessava-se e comungava. Nova prova de que sem religião não há moral... O padre da igreja de Santa Maria do Lago, em Skanstetters (Nova York) matou-se com um tiro de revólver. Os jornais sérios guardaram silêncio. Se fosse um propagandista do Livre Pensamento, toda a imprensa se apressaria a dizer que só a religião pode impedir o crime (se o suicídio é crime).

A função das Juventudes

O Diário de Notícias referia ontem que a polícia teve conhecimento da morte do deportado José Gomes Pereira Avante por um documento apreendido nas Juventudes Sindicistas.

Essa informação se fosse verdadeira seria o desprestígio máximo a que se podem chegar os poderes constituídos. Pois haverá quem admita como possível que nas Juventudes Sindicistas se saiba sobre o que se passa nas colónias mais do que o governo ou as autoridades, existindo como existe uma apertada censura telegráfica?

Há o Diário de Notícias. Bem mau serviço ele prestou, dando aos seus leitores a impressão de que quem sabe o que se passa em Africa não é o ministério das Colónias mas as Juventudes Sindicistas.

Um pouco mais de exagero e teríamos o ministério das Colónias a preparar a educação revolucionária da mocidade operária e as Juventudes Sindicistas a dar ordens aos governadores do ultramar.

Que grande ratão nos saiu o Diário de Notícias!

Embandeirou o Rebate não de regosio mas de vibrante indignação contra os discólos que apuraram o seu fulgurante cor-relligandário António Maria da Silva. E na sua indignação solta os maiores insultos, os mais veementes... «monárquicos sobre os que

A «Legião Negra» em Portugal definha os operários nas cadeias e assassina-os na Guiné

O actual momento não pode deixar dúvidas sobre as convicções dos homens que governam uma república em que predominam os monárquicos de baixo estofos moral e intelectual — os monárquicos que antes do 5 de Outubro não passavam de caloteiros sem vergonha, de sórdidos burocratas ou de inúteis e ruminantes militares profissionais de espada decorativamente a cinta e braços eternamente cruzados.

Que esta república de videirinhos seja, de verdade, uma monarquia orientada por indivíduos maus e imbecis até à inverossimilhança, não admira, ali estão os factos — e que factos! — a atestá-lo. Foi-se aos homens que quiseram suprimir com sangrentas cargas a baioneta e com tiros de canhão todas as regalias colectivas e absolutivas.

Aos marinheiros que sempre serviram a república — e salvaram largos anos o partido democrático — fazendo correr o seu sangue, sacrificando as suas vidas para que os aventureiros dessa facção nos roubassem — a nós e a eles — e enriquecessem, passaram o 5 de Outubro na cadeia por um crime praticado pelo seu superior o almirante Macedo e Couto, que passou o 5 de Outubro — feito também pelo concurso de marujos — em liberdade.

Para os partidários da ditadura a prisão encanecou-se, para os marinheiros ludi-briados as grades ficaram herméticas, frias e pesadas, a aferrolhas-las.

E quanto aos operários que se ergueram, prontos a bater-se, dispostos ao sacrifício das vidas para que a ditadura em 18 de Abril não vingasse, todos os horrores duma repressão cruel, todas as injustiças duma deportação feita contra todos os princípios humanos e contra todas as normas jurídicas. Saltou-se por cima da lei para pôr na rua os revoltosos de 18 de Abril, saltou-se por cima da lei para mandar, para a Guiné, homens vítimas das informações duma polícia de doídos maus, de vesnânicos e de castrados. Saltou-se por cima da lei para que um bando sinistro assaltasse e saqueasse a C. G. T.

Saltou-se por cima da lei para manter prisões, sem culpa formada, durante largos meses. Saltou-se e continua a intenção de não se integrarem dentro dela porque isso representa um acto de justiça e é um crime, um crime de lesa-burguesia, deixar andar operários em liberdade. Que diriam se tal acontecesse a União dos Interesses Económicos, o *Século* seu órgão, os jornais monárquicos, a rua dos Capelistas e a Companhia dos Tabacos por intermédio do sr. Lima Basto seu amigo, seu empregado, seu cúmplice e figura ministerial da *entourage* de António Maria da Silva?

Diriam que o governo dera o braço à desordem e transgrava com o crime. E' essa pressão de reacção, donos das nossas consciências e senhores da nossa liberdade e de capitalistas — que possuem as nossas vidas e nos saqueiam diariamente — que mantêm operários presos nas esquadras.

E' essa gente quem obedece. Ainda estamos à espera — a bem dizer nós nunca esperámos — das conclusões daquele inquirido que à polícia foi ordenado para averiguar se a polícia cometera os espantamentos que os presos sofreram, e ainda se encontram na esquadra de Santa Marta aqueles manipuladores de pão há tempos espancados e torturados e cujas roupas ensanguentadas andaram pelas redacções dos jornais e chegaram a intervir nos debates parlamentares. Estão na mesma esquadra onde também se encontram, impunes e sorridentes, desdenhosos e brutais, as polícias que bárbaramente cometeram a cobardia de os agredir, mais de uma vez. Ainda estão presos em várias esquadras operários que a *Batalha* relatou há mais de 100 dias. Temos nas esquadras enjaulados, sem conforto, sem ar, sem luz, sem a maioria dos requisitos que permitem a existência da vida humana, operários presos há mais de 4 meses.

Que crimes praticaram esses homens para estarem sofrendo uma expiação que, sobre ser tão iníqua, é tão dolorosa? Ignora-se. A polícia não o disse. Ao fim de 4 meses ainda se ignora por que estão presos esses homens. O que não se ignora é que há 8 dias que não permite a prisão por mais de 8 dias sem culpa formada. O que se sabe é que alguns desses presos estão — devido às inclemências sofridas — atacados de graves enfermidades. A tuberculose apossou-se deles, arruinou-os e a continuar o cativo da mata-os. Nessa altura o sr. Domingos Pereira não poderá reparar essa infâmia que um ministério praticou e dois ministérios sancionaram, porque não tem o poder de ressuscitar os mortos.

Se interrogarmos os que são postos em liberdade os operários que há 6 meses se encontram presos a quem devemos fazer a pergunta? Ao Conselho Superior da Causa Monárquica, ao sr. Domingos Pereira ou à rua dos Capelistas?

A guerra de Marrocos

Uma fantasia telegráfica?

TANGER, 7. — Segundo informações aqui recebidas, Abd-el-Krim fez executar o seu ministro dos negócios estrangeiros, Sidimohamed Zezian e vários oficiais superiores do seu exército, sob a acusação de alta traição.

Os condenados foram amarrados à boca de canhões que, disparados, os fizeram em pedaços.

Os eternos progressos inúteis...

PARIS, 7. — No norte do Rif, as tropas francesas progrediram 5 quilómetros, atingindo Djebel-Nado e Djebel-Braret, com a cooperação da cavalaria.

Franceses e espanhóis, depois da sua ligação em Syah, têm continuado a avançar.

protestaram contra um político corrompido até à medula.

A indignação do Rebate vai ter a grande expansão que lhe vem dos seus leitores. Mas ocorre-nos agora perguntar quem é que compra o Rebate a des- de se vender a 20 centavos?

A «Legião Negra» em Espanha e as suas repugnantes façanhas segundo um confidente

Editado pelo *Grupo «Tierra y Libertad»* de Buenos Aires foi distribuído um folheto intitulado «Revelações dum confidente», onde são relatados pelo confidente Fecet do Sindicato Livre, de Barcelona — caído no desagrado dos seus senhores, — os processos usados por Anido e Arlegui para se deslatarem dos militantes revolucionários espanhóis de mais destaque.

Do referido folheto traduzimos as seguintes passagens:

«Martinez Anido agira de acordo com Sales e Lagua; era o que punha o preço aos atentados que se cometiam. Alguns pagavam os Arlegui. Por Layret entregou Anido 40.000 pesetas, que deu Muntadas, da Espanha Industrial. Por Pestaña também entregou uma quantia, cuja importância exacta ignora. Os «pistoleros» iam preveni- tiam algum atentado, e se os perseguiam, só mostrando este «carnet», deixavam-nos em liberdade.

Na maioria dos atentados guardavam-lhes a saída os policiais, que tinha designado Arlegui; entre eles Martinez e Pérez. Com o «carnet» de que iam munidos, obtinham o auxílio das guardas de segurança para efectuar buscas domiciliárias, assim como para aplicar a «lei de fuga» e prender com toda a impunidade. Sales era o encarregado de dividir o dinheiro para os atentados, era ele que entregava os retratos das vítimas, e executor muitas vezes a miúdo. Homs carregava-se de marcar as vítimas aos pistoleiros, a sua amante, a «Payesa», auxiliava-o, quando o sentenciado saía de casa. No «Bar Izquierda» sempre havia algum pistoleiro que seguia os passos dos que saíam de sua casa, e que a «Payesa» marcava. Homs não tinha relações com Arlegui, entendia-se com Anido e com mais ninguém.

As «Bandas» eram formadas por indivíduos do Riqueti na sua maioria, e tinha o apoio moral e material de Jaime de Bourbon; este tinha e tem correspondência com Sales, e anima-o para que permaneça no seu posto.

Sales e Lagua eram os que mandavam a Arlegui. Os pistoleiros para aplicar as «leis da fuga» eram apoiados por Agapito Marin, Escartin, Pérez, Dominguez e outros.

Pita encarregava-se de entregar fichas e indicar domicílios, por ordem de Arlegui, a Sales, o qual, ajudado pela polícia e pistoleiros, efectuava registos, prisões e «leis de fuga». Estes feitos pagava-os Arlegui com dinheiro que entregavam Chiro, Trepat e Muntadas. Quando se cometia um atentado, Lagua cobrava o dinheiro a Subirana Marsá, Sert e outros; este dinheiro era repartido entre os membros do comité executivo formado por Sales, Lagua, Lorenzo Martinez, Anselmo Roig, Marco Rubio e António Olivares.

Honório Inglês tinha as suas ordens a André Horte, Ramon Ródenas, Miralles e Carlos Baldrich (a) Onelo; aplicavam «leis de fuga», registos e prisões. Inglês estava a soldo da Hispano-Suiza. Pita apontava os que deviam ser espancados na «jefatura». Assistia aos interrogatórios que fazia Arlegui; eram os dois uma só pessoa.

Lasarte é na actualidade o braço executor de Chaillos; tem as suas ordens o polícia Martinez e outro «somatenista». Encarregava-se de efectuar prisões, registos, e de recolher dados, para quando se queiram aplicar «leis de fuga» e atentados; é auxiliado também pelo comandante Fernandez Valdés. Reünem-se no «Leão de Ouro»; ali vai o «somatenista», que leva sempre o cambicho na boca, e que transmite o que recebe confidencialmente dum do Unico. Seguindo este indivíduo, saber-se-ão muitas coisas de suma importância para nós. Ignora a vida de Lasarte, coisa que na rua ser-me-ia fácil averiguar, pois que sou seu amigo. Lasarte sem o meu concurso está destinado a fazer-vos muito mal.

Carmen Olivella — Olivo, 5, Gracia. Esta é catequista, está encarregada de fazer os trabalhos necessários para se libertar os pistoleiros; desempenhou um importante papel na questão Foix; prestou declarações falsas.

Glória, porteira do Sindicato de San Andrés, é protectora de pistoleiros; a sua casa é um refúgio destes. Foi portadora de armas para alguns atentados.

A chamada Satorro, mulher de Marcos Rubio, tem levado armas aos pistoleiros, e indicado o momento da execução. Dionísio Martin: ignora. Dominguez, de serviço de trem na estação do Meio-Dia de Madrid, costuma ir no rápido e expresso de Madrid. Caseta Perez, mesmo serviço. Martinez, de serviço com Lasarte, Honório Inglês, expulso do Corpo está em Oran.

Pita na direcção de Segurança. Agapito Marin em Sevilha, e quasi todos os outros levou-os Arlegui para Madrid.

Layret: Foi planeado este atentado por Arlegui, Anido, Pita, Marin, Sales e Lagua. Ofereceram-se 40.000 pesetas, que pagou Muntadas; tomaram parte: ele, José Cínca, irmãos Alvarado, Carlos Baldrich e Fulgêncio Soria. Guardavam-lhes a saída a polícia. Os primeiros tiros fê-los Sera, ao dar a voz de «Layret!»! Creio que com Layret havia uma mulher que devia ter ouvido a voz dada por Sera, assim como também devia ter fixado que este vestia trajeto preto com calça até ao peito. E' de estatura baixa.

Segui: Planeou-se o atentado pela Patroal e pelo «Livre». Tomaram parte: Carlos Baldrich «Oucles», Manuel Simon e Amadeu Buch; foram apoiados por João Torrens, Homs e um criado chamado Saleri. Este atentado foi cotizado fortemente por Sales.

Boal: Foi combinado na «jefatura» por Arlegui e restante camarilha; executou-o Sales, Luis Calderon e Tejada; este último ao cair Boal ao chão abaxou-se para ver se estava morto, recebendo um soco dele que lhe partiu os olhos; tem um leve sinal dos vidros num olho.

Os comunistas húngaros

BUDAPEST, 7. — Os comunistas presos sob a acusação de alta traição e de perturbadores da ordem pública, declaram a greve da fome.

Os trabalhadores de São Paulo dirigem-se aos seus camaradas de todo o mundo, denunciando as atrocidades que lhes são inflingidas pelo governo do seu país

O que se passa neste país de há três anos para cá é simplesmente incrível, intolerável, abominável.

Desde 1922 que o estado de sítio pesa como lousa de chumbo sobre a vida, o direito, a liberdade dos cidadãos, asfixiando-nos, deprimindo-nos, cercando-nos todas as regalias, todas as prerrogativas de homens livres, sufocando-nos todos os gestos de revolta, todas as aspirações de fraternidade, todos os desejos de vida livre e feliz. Não há nenhuma daquelas simples e elementares liberdades sem as quais toda a vida progressiva dum povo é completamente impossível, sendo estranguladas todas as ansias de rebeldia e de organização operária, e toda a possibilidade de reivindicação económica, moral e social.

Desde muito que o Brasil pela prepotência de seus governantes e pela violência de sua polícia caminhava a passos agitados para o regime da teocracia católica e do absolutismo monárquico de Pina Manique e de D. Miguel de Bragança de tão fatídica memória.

A situação era péssima. Porém com a revolução militar de 5 de Julho em São Paulo todos os males que este povo pacato e indolente já sofria redobram de violência, reduplicaram de furor, atingiram o auge da prepotência, do despotismo, da arbitrariedade e da ignominia.

Os governantes, vendo por momentos a possibilidade de perderem as *pastas* e as *postas*, julgando-se infalíveis, insubstituíveis, indiscutíveis, supondo-se muito tola- mente criaturas privilegiadas e mais do que isso predestinadas para a grande missão de governar o povo, maltratando-o, desprezando-o e deprimindo-o, trataram com mão de ferro de apagar todo e qualquer resquício de espírito liberal, revolucionário e operário.

Os operários nenhuma intervenção tiveram na revolução, mas, claro, nestas ocasiões, os governos aproveitam a oportunidade para esmagar todos aqueles que não têm pela cartilha dos mandões do dia.

E é assim que desde 5 de Julho de 1924 não existe nenhuma dessas manifestações que revelam a existência de organização revolucionária-sindicalista independente, livre das peias e dos compromissos com os governantes, nem jornal algum que possa dizer algo e claramente das injustiças que se cometem constantemente contra os proletários e desprotegidos da fortuna. Não há um jornal operário, não há vida sindical, não há vida anarquista, nada absolutamente disso que existiu aqui por largos anos e que em todo o mundo é um direito adquirido, uma conquista efectuada e reconhecida. Um exemplo frisante, único talvez no mundo civilizado, é o que se passou em primeiro de Maio. Em São Paulo, onde existem centenas de milhares de trabalhadores de todas as indústrias e profissões, essa data passou completamente despercebida. Nem uma reunião, nem um comício, nem um número único de jornal, nem um manifesto de esperança e de encorajamento aos trabalhadores. E' que o momento não é para essas cavalarias. Qualquer que tentasse fazer isso, candidatava-se a ser preso, maltratado, deportado para o Oiapock ou para o país de origem como aconteceu ao camarada Marques da Costa e a todos os outros militantes que tiveram a desgraça de ser presos, que gemem ainda nos horrores da prisão ou num longuíssimo e horrível desterro, em regiões equatoriais, pantanosas e pestíferas, doentias e despojavadas.

A nossa imprensa vinha desde muito sendo embaraçada por toda a crise de obstáculos e de empecilhos, a ponto tal que não

podia circular no correio; havendo orden terminantes governamentais para apreender e queimar todos os jornais de ideias anarquistas, operários, revolucionários, enfim, e até livros registrados como «O Capital» de Carlos Marx não foram entregues aos destinatários. Actualmente, até a imprensa burguesa está submetida à mais rigorosa censura, não podendo publicar os discursos duma pequena oposição parlamentar e, pas- mai gentes, até o *Diário Oficial da República* foi apreendido depois da sua distribuição, por um dia ter inserido, por descuido, discursos de os todo-poderosos dos governantes achavam inconvenientes para os seus prestígios de infalibilidade governamental.

O camarada José Oiticica, notável professor e grande jornalista, um dos homens mais cultos e sábios do Brasil, esteve preso numa ilha, em completa incomunicabilidade, sujeito a todos os odiosos vexames, sem poder ver a mulher e os filhos e sem receber os honorários de professor público que é, durante um ano, e continua preso tendo a ilha das Flores por homenagem e só agora podendo receber a família, por ter conseguido requerer um «habeas-corpus» ao Supremo Tribunal de Justiça, ao qual o governo fez saber que convinha manter detido aquele professor pela maneira sábia como ele fazia propaganda anarquista entre os trabalhadores. No mesmo tribunal o próprio Procurador da República declarou que Oiticica já estaria em liberdade se se tivesse comprometido a não fazer mais propaganda das suas ideias, o que o mesmo repeliu *incontinenti* ante os próprios juizes.

E como tudo isto é atentatório à Constituição do país, está tratando de rever a mesma, de estranhalhá-la, para pô-la de geito e conformidade a justificar todas as violências, injustiças e arbitrariedades cometidas e a cometer. E para dar uma ideia de quanto essa revisão vai ter de retrógrado e odioso basta saber que vai instituir o ensino religioso nas escolas públicas, apesar da separação da igreja do Estado. Mas isto num país onde os bispos já gosam de honras de príncipes não é de admirar. Aqui é o paraíso dos homens de sotaina, dos representantes de Roma, do Papa e do Vaticano, o refúgio dos jesuítas de todo o mundo, o conluio dos piratas internacionais.

Nós, porém, estamos tolhidos, impossibilitados de fazer qualquer coisa. Pedimos-vos, pois, para publicardes estas notas e lançardes um vibrante apelo aos trabalhadores da Europa e da América para que venham em nossa ajuda, para que protestem contra esta situação vergonhosa e degradante a que nos sujeitam nossos exploradores e governantes.

E' necessário que se saiba e conheça em toda a Europa e América o ódio tóxico que aqui se vota ao nacional e estrangeiro pobre que quer viver em troca do seu esforço braçal, mas que se não conforma em ser escravo e teima em ser homem digno e em manter aspirações que no país de origem já alimentava ou que aqui adquiriu.

Os governantes só admitem a existência dos ricos e dos piratas, daqueles que por qualquer meio conseguem apoderar-se do Deus-milhão. A esses, sim, abrem-lhes os braços, acamaram com eles e são todos sócios e amigos. Mas trabalhador pobre, com ideias, é um *indesejável* que não toleram. E' pois necessário que isto se saiba para evitar muitas decepções a qualquer ingénuo que pretenda vir para cá.

São Paulo, Agosto de 1925.

Um grupo de trabalhadores.

A popularidade de António Maria da Silva vai ser decretada por meio duma repressão iníqua?

Noticiaram os jornais da noite de ontem que iam ser passadas ordens de prisão contra vários «agitadores conhecidos» sob a acusação de terem tomado parte na manifestação de desagrado de que foram alvo António Maria da Silva e Barbosa Viana — o político e o polícia mais execrados da população. E na mesma notícia se afirma que a polícia anda activamente empenhada em averiguar quem foram os «discólos» que viaram duas figuras odiosas.

Finalmente que o sr. Domingos Pereira abandona a sua impotência em tudo digna dum eunuco para tomar uma resolução digna da virilidade dum homem. *Ecco homo!*

O sr. Domingos Pereira tomou uma decisão — meter-nos na cadeia. Foi indeciso quando se tratou das deportações, dos espantamentos e dos assassinatos cometidos pela polícia e das prisões sem culpa formada.

Agora que fizeram um rasgo no ridículo do Senhor Dono de Tudo Isto António Maria da Silva, o sr. Domingos Pereira abandonou a sua timidez de ovelha tosquiada para nos aparecer com um claro de ódio no olhar e com a atitude ameaçadora dum lobo prestes a devorar, duma só ordem, a liberdade de todos nós.

Sejamos francos: a ordem de prisão para quem manifestou desprêso por um indivíduo que só por conveniência e interesse pode ser considerado, revolta pelo odioso, mas provoca o riso pelo imenso ridículo que encerra.

Um homem público está sujeito a todos os lances patéticos das ovações e aos lances imprevistos das manifestações de desagrado.

São ossos do ofício, dum mau ofício, aliás. Se o país fosse composto de parvos e de carneiros as ovações ao Silva seriam continuas. Mas como tal não acontece o Silva é impopular.

O país não o suporta, não suporta esse seu mortal inimigo. Os manifestantes que apuraram António Maria da Silva exprimiam a opinião do país. Terá o sr. Domingos Pereira a louca pretensão de querer meter na cadeia o país?

Ninguém pode afirmar o contrário. E si houvesse alguém tão desmiolado e tão audacioso que se atrevesse a contestar-nos perguntar-lhe-íamos simplesmente em que ponto do país o Silva teve uma manifestação popular de aplauso. E ficariamos sem resposta.

E, francamente, haverá alguém que acredite que o sr. Domingos Pereira tem pelo Silva alguma espécie de consideração que não derive das conveniências partidárias?

Os «discólos» ou «agitadores conhecidos» são *clichés* velhos e estafados. Gostaríamos que nos dissessem as almas indignadas com os apupos feitos a um homem execrado pela sua vileza se estão esquecidos do tempo em que chamavam a «formiga branca» povo soberano, aborrecido com o feroz entusiasmo as cobardes agressões que ela fazia a todos os que não eram democratas.

Esquecem-se as almas indignadas que a «formiga branca» tão odiosa, pois que as suas agressões eram feitas com a certeza da impunidade que uns cartões de polícia asseguravam era o esteio do partido democrático, era uma horda de bandidos paga pelo Estado, isto é paga por todos nós.

Será possível que uma repressão idiota feita de prisões iníquas consiga tornar popular o Silva? Essa pretensão tão ridícula não encontra, por certo, cérebro suficientemente óco onde possa caber.

Queríamos para finalizar inquirir se alguma vez foram incomodados pela polícia Manuel Matos o «Pintor» e seus sequezes quando deitaram abaixo o ministério Fernandes Costa. E desejariamos ainda saber se o delito de deitar abaixo um ministério é maior que o de deitar abaixo as abas dum fraque.

Uma inocente pergunta:

Porque não mostrou o sr. Domingos Pereira energia em averiguar quem foram os policiais cadastrados que assaltaram e saquearam, durante o assalto à C. G. T., alguns sindicatos operários? E até se roubou dinheiro.

O directório da Liga dos Direitos do Homem contra os desmandos do poder

Sob a presidência do sr. Luz de Almeida, secretário pelo sr. Virgílio Marques, reuniu o Directório desta colectividade, resolvendo entregar ao Conselho Jurídico o caso do preso Afonso Henriques Leite de Sousa, que se considera vítima dum erro judiciário. Igualmente resolveu que o secretariado da Liga averigue quais as causas da prisão dos cidadãos espanhóis José Vicente Callero e José Sanchez, cujas entidades são abonadas por muitas pessoas, tanto mais que o director da Polícia de Segurança do Estado declarou não ter nenhum elemento que motive a sua detenção.

Depois foi aprovado um requerimento ao presidente do Ministério solicitando o regresso ao continente dos deportados para aqui serem julgados, para que sejam postos em liberdade os indivíduos presos há mais de oito dias sem culpa formada, e que o governo nomeie um civil, homem de carácter íntegro, para proceder a um inquérito imediato a fim de ser castigado quem ordenou e executou o assalto à C. G. T., quem quer que seja essa autoridade.

Em seguida foram aprovadas as seguintes propostas: «Considerando que a Federação Internacional das Ligas do D. do H., é por princípios pacifista e por consequência anti-revolucionária e anti-militarista como bem o prova o Apelo aos povos pelos Direitos do Homem e da Paz; considerando que devemos defender o predomínio do poder civil contra o poder religioso ou militar, propomos que os sócios militantes ou da polícia filiados na L. P. D. H., não sejam eleitos para nenhum cargo, devendo esta deliberação ser ratificada na primeira assembleia geral».

O outro documento é bastante extenso: «O Directório ao iniciar trabalhos encontra a sociedade portuguesa num estado de decadência moral que justifica a criminalidade quer considerada como delito comum e social quer como abuso do poder ou da autoridade.

Considerando impróprio todo o combate que não atinja directa e intensivamente a origem deste estado mórbido: considerando que a Liga para alcançar a objectividade é mister passar do campo estritamente doutrinário para o de realizações imediatas», resolve que a sua comissão de Estudos Sociais estude os seguintes temas:

Pacifismo. Considerando que a guerra de 1914-1918 provocou em Portugal o aumento da força armada, cujo quadro miliciano de oficiais passou a efectivo numa grande maioria, dando ensejo à escandalosa promoção dos generais, ao contrário dos outros países aliados que licenciaram logo após a guerra não só os polvos soldados mas também os oficiais, considerando que uma parte desta oficialidade desempenha cargos civis no funcionalismo e magistrado ou são comerciantes ou industriais; considerando que o aumento do exército contribui imenso para o desequilíbrio do orçamento estatal visto que a proposta orçamental de 1925-1926 fixa ao ministério da guerra 279.802 contos; à guarda republicana 78.007 contos; à polícia (agora militarizada) 9052 contos, ou seja um total de 367.462 contos; havendo um desequilíbrio orçamental de 63.665 contos de despesa superior à receita do Estado, enquanto a força armada absorve mais de 1000 contos diários; considerando sob o ponto de vista social, verifica-se pelos constantes pronunciamientos quanto o exército ambiciona a supremacia do poder militar ditatorial; «qual deve ser a atitude da L. P. na propaganda anti-revolucionária na região portuguesa».

Criminalidade. Quais os meios de impedir a sua apologia e propaganda feita pela imprensa e pela cinematografia?

Regime prisional e o trabalho. Ante os resultados morais obtidos, pelos prisioneiros, no trabalho agrícola, quais as melhores indústrias prisionais em que devem ser ocupados os presos?

Prostituição. Abolição do registo policial das meretrizes e da interferência da polícia administrativa na vida das mesmas. Quais os meios para manter o regime sanitário, como e onde deve ser realizado?

Putrão e o emigrante. Quais os meios de protecção aos emigrantes?

Habituação. Quais os meios práticos de resolver o problema?

Da incompetência no poder legislativo. Sendo nefasto à sociedade o poder legislativo exercido por indivíduos de manifesta incompetência, quais os meios que a Liga deve utilizar para combater a eleição desses candidatos em todos os actos eleitorais?

Ensino. Quais os processos a dar ao ensino, em todos os seus graus, para o caracterizar uma feição lidamente republicana e racionalista?

Estas teses devem ser discutidas em assembleia magna a realizar nos dias 2 e 3 de Janeiro de 1926.

Por último foram aprovados sócios: os srs. Carlos Augusto Pedro Marques, Casimiro Aparício da Silva, Edmundo Luís Soares, João B. Pereira de Lemos, João Pires, Joaquim Franco Junior, José Alves, José Francisco Jorge, Lourenço de Jesus Friaças e Raúl Pereira Martinho.

Contra o assalto à C. G. T.

Da Associação dos Estivadores do Porto de Lisboa recebemos o seguinte protesto:

Conquanto afastados temporariamente da C. G. T., por razões que são do conhecimento de todos os trabalhadores, não podíamos, todavia, deixar de protestar energicamente contra a violência de que foi vítima o jornal A Batalha e igualmente protestamos contra o assalto feito à C. G. T. — A direcção.

Rurais de Ervedal

Reuniram em assembleia geral no dia 4, protestando energicamente contra o assalto da polícia às dependências dos organismos operários instalados na calçada do Combro, tendo sido aprovada uma moção nesse sentido.

Também vieram à nossa redacção, cumprimentar-nos e apresentar-nos o seu protesto contra o acto de canibalismo praticado pela polícia no assalto à nossa sede, os srs. major José Rodrigues e tenente Ricarra, revolucionários do 5 de Outubro.

No Liceu de Passos Manuel

A forma tirânica de tratar um velho

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor.—Foi com verdadeira surpresa que num dos dias da última semana deparei nas colunas do nosso porta-voz A Batalha, com uma local intitulada: «No Liceu de Passos Manuel, local que por me colocar em situação bastante melindrosa ante aqueles que têm observado a maneira desassombrada como aqui tenho tratado todos os assuntos que ao funcionalismo dizem respeito e que sobretudo lhe interessam e sabem que é neste modular e útil estabelecimento de ensino que desempenho as funções do meu cargo e pelas quais o Estado me concede o menos que preciso para qualquer novo rico da República sustentar um simples cão de luxo, me obriga a vir a público; tanto mais, que estando à frente do citado estabelecimento alguém que de há muito se empenha pelo levantamento das classes menos favorecidas, se poderia tirar a conclusão do que ou esse alguém falseava os seus princípios, ou eu alterava o programa que a mim mesmo impuz, tornando-me cúmplice duma tirania e duma violência que, só se torna possível no cérebro aveludado de quem a engendrou.

A local em referência, que por errada informação altera por completo a verdade dos factos, alude a uma tirania e violência de trabalho que eu, a pesar dos meus oito anos de casa, já mais consegui descobrir, nem exercida contra o porteiro Pacheco, nem contra qualquer outro funcionário, pois se a descobrisse e isso creio eu bastante fácil, caso ela existisse, afirmo-o altamente ainda que nisso fosse todo o meu futuro, o futuro dos que me são caros e até o lugar que à custa de vários esforços conquistei, a ela me oporia por todas as formas legais e honestas, se não com aquela autoridade e força que dão os grandes empregos e as chorudas colocações, pelo menos, com aquela justiça e razão que sabem impor as que desejam ser livres e livres desejam a humanidade.

O porteiro Pacheco talvez influenciado pelo avanço da idade sofre um pouco da mania da perseguição e daí o facto de sendo um funcionário adido e até já colocado noutra repartição que não o Liceu de Passos Manuel e com direito incontestável à reforma, preferir aturar a violência dum serviço que de facto lhe pertence porque habita no edifício mas que de maneira alguma atinge o horário citado e a suportar, ao que dias mais vontade e censura da official do mesmo offico o continuo por ele indicado. Nestas condições, e porque creia que de futuro ninguém admitirá a existência duma tirania dentro dum edificio que prima pela esmerada áncia de liberdade de alguns dos seus funcionários e pela maneira levianada e nobre como exerce a ministra o ensino, vos envia Saudações Sinceras o vosso.—Paulo Emilio.

Contra a ganância da Companhia do Gaz e Electricidade

Na sessão de ontem da Câmara Municipal o vereador sr. Alexandre Ferreira protestou contra o facto da Sociedade Companhia Gaz e Electricidade estar distribuindo uns impressos pelos quais se verifica que ela pretende elevar o preço do aluguer dos contadores do gaz e electricidade, sem que para isso tivesse recebido autorização da Câmara. As apólices aprovadas pela Câmara e que regulavam o assunto eram de 1919, isto é, posteriores à guerra. Termina por pedir ao presidente da Comissão Executiva que volta a usar da energia que tivera para com a referida Companhia logo após a actual veracão ter tomado conta dos interesses da cidade.

Resolveu-se publicar avisos dando conhecimento aos munícipes de que a Câmara não autorizou a elevação das taxas a pagar pelo aluguer dos referidos contadores.

Uma liga de defesa dos consumidores

Acaba de se constituir em Lisboa uma nova liga que se propõe defender os interesses dos consumidores de gaz e electricidade que novamente se vêem ameaçados com renovação do contrato entre a Câmara Municipal de Lisboa e as Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade, a efectuar brevemente.

Na sua primeira reunião, que se realizou na sede provisória, rua de São Bento, 297, a comissão instaladora apreciou, entre outros assuntos, a última comunicação da referida companhia sobre o aumento escandaloso dos preços do aluguer dos contadores e fogões, deliberando promover a publicação imediata dum manifesto convidando o público a reagir contra tal extorsão e ainda a estabelecer atmosfera para que no novo contrato a celebrar, se acautele devidamente os legítimos interesses dos lisboetas.

Todas as comunicações a adesões devem ser dirigidas ao secretário da Liga, João Lino, na morada acima indicada.

Os fascistas continuam assassinando os seus adversários políticos

MILÃO, 7.—No decurso de violentas desordens ocorridas entre fascistas e socialistas em Florença e Livorno os fascistas mataram o director do jornal o Concolo e o deputado Pelati, incendiaram os escritórios dos advogados socialistas a agência dos jornais e a fábrica de massas alimentícias.

Coliseu dos Recreios

NOTA-2 sensacionais espectáculos 2-NOTA

A maior e melhor Companhia de Circo que tem vindo a Portugal

A's 15 (3 da tarde)

Grandiosa matiné elegante

A's 21 (9 da noite)

Surpreendente espectáculo

Grandes novidades Trabalhos sensacionais

Entrada geral 3\$00—Fauteuils a 8\$00

Camarotes a 40\$00

Na matiné tem entrada gratuita as crianças até aos 10 anos de idade

A Batalha

NA PENITENCIARIA DE COIMBRA

A odisseia dos reclusos enfermos narrada singelamente por um penitenciário

Muito se tem dito já sobre esta masmorra e, infelizmente, muito mais há para dizer. Mas, como para anatomizar este corpo putrefacto e os seus «orgãos» quasi todos repletos de gangrena, os macabros transtornos que aqui pontificam, seria necessário o bisturi acurado de alguém com mais fôlego e com mais do que a minha míngua intelectualidade, apenas me referir hoje a uma parte, que pela sua gravidade mereceria maior desenvolvimento, muito superficialmente, deixando para outra oportunidade o restante da meada a desfiar.

Vamos, pois, ao caso que me propoz tratar: «a maneira como se exercem os serviços... «clínicos» e as medidas profiláticas adoptadas ante os inúmeros casos de doenças infecciosas manifestados na Penitenciária de Coimbra».

Não era para admirar desde que não possuíssimos o bestunho ou a maldade de intenções do «jesuita» José de Miranda, que toda esta legião de miseráveis viesse a acabar cobardemente às mãos dos seus carceres: José de Miranda, director; Anibal Maia, o facultativo; e o tacaño Amaro Bento de tão triste memória, monstro humano só comparável ao célebre «Cabeça-banda» de horripilante recordação, a quem o director obedece, não sabemos se com medo, como ele se jacta frequentes vezes. Como já se tem dito mais de uma vez, o rancho fornecido aos presos para a sua alimentação, é de péssima qualidade. Não tem substância em quantidade suficiente, e, às vezes, os generos são podres. Para as refeições diárias dos 271 presos aqui existentes, ou seja para 542 rações, apenas dão «para a cozinha, 8 litros de azeite! Por que outra gordura não entra lá...

Acrescente-se a tudo isto o trabalho a que, sob ameaças e toda a ordem de represões arbitrárias, são obrigados a exercerem em algumas oficinas, especialmente nas de cesteiros, onde existe uma tabela rubricada pelo Director, Chefe dos Guardas, Fiscal das Oficinas e mais tropa fandanga, em que os reclusos são advertidos de que, para terem direito à miserável esportula que o ladravaz arrematava a título de gratificação «generosamente» lhes concede, tem que fazer uma determinada quantidade de obra, obrigando-os assim, mercê da miséria em que aqui se vive, a tuberculizarem-se rapidamente: marceneiros, escoveiros, malleiros, etc., e aqui temos como se somariam charemos, como achariam todos os médicos que tivessem consciência, mais de 20 tuberculosos em andamento estado, muitos outros agora em começo e grande número de anémicos e mais doentes.

Mas só não vê isto, porque lhe não convém naturalmente, o dr. Anibal Maia — insigne «conceirista», e que como «patriota» enérgico também cantará a estafada ária do regimento da Raça... Só não vê isto o carrasco José de Miranda, o clínico executor de tantos desgraçados que estão prestes a partir para debaixo da terra, amaldiçoando-o, e de alguns que já lá vão a quem este «católico» humanitário quando os vê com a morte na garganta, como se dizesse, para lhes não dar nada, como tem acontecido.

Como julga, o leitor, que são acauteladas as vidas daqueles que, talvez por um milagre, ainda não estão contaminados pelo terrível mal, a tuberculose, que tantos aqui já adquiriram? Nem humanas providências são dadas a este respeito e senão vejamos: as roupas de alguns d'elles são lavadas (melhor diria conservadas de emersão em água) juntamente com as dos restantes; as latas dos doentes, quer seja uma ligeira doença sem consequências, quer seja ela infecciosa, são todas lavadas conjuntamente (que não ferveidas); e, geralmente, por um doente nas mesmas circunstâncias; quando da absorção dos «remédios»... que são receitados aos doentes, todos bebem pelo mesmo copo, que nem sequer é passado por água a mais das vezes!

Há aqui um desgraçado que está morrendo lentamente — o n.º 185 — tuberculoso em último grau, com chagas por todo o corpo e paralisia numa perna, em cuja cela se não pode entrar, tal o cheiro nauseabundo que dela se exala. Está este infeliz, pode-se dizer, abandonado por todos: até os próprios companheiros têm receio de se aproximarem, dele visto a natureza da doença e não haver cá desinfetantes... O único desinfetante usado é, de oito em oito dias, lavarem-lhe a cela com água na qual é diluída uma porção de cloro. Note-se: o doente, como nem sempre se pode mover, nem tão pouco ali está alguém que lhe chegue, que um escarrador, escarra no chão. Não precisa comentários.

Têm chegado já a cometer a infâmia de meterem presos chegados de novo em celas de presos que haviam morrido atacados de doenças infecciosas. Ainda ultimamente isso sucedeu com o ex-143, que faleceu de tuberculose-pulmonar, e em cuja cela meteram o actual n.º 111 sem que a cela fosse desinfetada! As enxergas que serviram aos falecidos, com uma simples escaldadela, (como se o bacilo de Koch não resistisse 5 minutos à fervura...) têm também sido aproveitadas!

Jóis se até a tuberculose têm mandado descascar batatas para a cozinha!

O interior da Cadeia só é lavado quando suspeitam que vem cá o ministro da Justiça ou outra visita extraordinária... Na parte da manhã, quando alguns inconscientes, a quem a Direcção, seja dito de passagem, não paga, como era seu dever, «fachinas», procedem à «limpeza... isto é, varrem as alas, é tal a poelrada que apelece as incómodas máscaras contra os gazes asfixiantes, porque não há regadores para humedecer o solo e alguns que existem andam... a prestar serviço nas hortas dos guardas. Somos, portanto, contra as mais rudimentares regras da hygiene, obrigados a respirar tal poelrada.

Mas há mais: vamos descrever agora a forma exótica e original como o médico atende os reclusos consulentes: de pé no meio do octógono (largo central da Cadeia), à beira... perante os demais presos que no local se encontram para o mesmo fim, dos guardas, e não raro por entre ditos chistosos e risadinhos sarcásticos dos espectadores da scena improvisada, bem triste para quem possuir sensibilidade e respeitável para os de bom senso, não obstante haver um gabinete apropriado para aquele fim. Tem chegado já, o mesmo doutor, especialmente eu (pelos exemplos que tenho visto) em passaportes para... o céu, a auscultar — a pesar do barulho que naquele local é produzido pela proximidade das oficinas e movimento do serviço, — com um auscultador de madeira (espécie de canudo...), um preso que se lhe queixava dos pulmões... Infalível diagnóstico: «Você não tem nada!»

Eu direi que só se a «panne» nos pulmões tivesse semelhanças com o ruído produzido com uma explosão de dinamite, é que eu cria — ou a lógica é um carro eléctrico a andar para traz — que ele pudesse aperceber-se dela, auscultando um doente naquele local!

Mais um caso aqui sucedido, que bem demonstra a sinceridade e humanidade de tal «benemérito»: entrou um recluso novo e, como de costume, foi examinado. Constatou o digno esculpiano que o preso era anémico — como de facto.

Tempos depois, o recluso adoece mercê do enfraquecimento a que a alimentação deficitária dera lugar e vai consultar aquele senhor. Diagnóstico: «Você é um homem forte! Qual anémico, nem meio anémico».

Caminhando para a perfeição

O alcool, prejudicando o fisico, conduz à degradação moral

O alcoolismo é o envenenamento crónico que resulta do uso habitual do alcool, ainda mesmo que este não produza embriaguez. E' um erro dizer-se que o alcool é necessário aos operários que se entregam a trabalhos fatigantes, que dá energia para o trabalho ou repara as forças; a excitação artificial dá bem depressa lugar a uma depressão nervosa e à fraqueza. Na realidade o alcool não é útil a ninguém, sendo prejudicial a toda a gente.

O hábito de beber aguardente conduz rapidamente o homem ao alcoolismo, mas as chamadas bebidas higienicas contêm também alcool; o homem que bebe todos os dias uma quantidade immoderada de vinho, cidra ou cerveja, torna-se seguramente tão alcoolico como o que bebe aguardente.

As chamadas bebidas aperitivas (absinto, vermouth, amargos, licôres aromaticos, água de melissa, hortelã pimenta, etc.) são as mais perniciosas, porque contêm, além do alcool, as essências que são por si também venenos violentos.

O hábito de beber faz perder o amor pela família, produz o esquecimento de todos os deveres sociais, o desprezo pelo trabalho, a miséria, o roubo e o crime. Conduz o homem ao hospital, visto o alcoolismo gerar as doenças mais variadas e mais mortíferas: as paralisias, a loucura, as afecções do estomago e do figado, a hidropisia; é uma das causas mais frequentes da tuberculose; complica e agrava todas as doenças agudas: febre tifoide, pneumonia, erisipela, etc., que seriam benignas num homem sóbrio, mas que matam rapidamente um bebedor de alcool.

As faltas de hygiene dos pais reflectem-se sobre os filhos, e se estes escaparem nos primeiros meses são ameaçados de idiotismo e de epilepsia ou então morrem um pouco mais tarde de meningite tuberculosa ou de tísica pulmonar.

Para a saúde do individuo, para a existência da família e para o futuro da pátria (eu diria da humanidade), o alcoolismo é um dos mais terriveis flagellos.

A todos os operários se pede que depois de terem lido o que fica escrito o ponderem e meditem bem, porque destes conselhos só lhes pode resultar a saúde que é um bem supremo, a honra e a dignidade que caracterizam o homem merecedor de crédito e de respeito.

Antes de falar das diferentes formas de combater o alcoolismo, não quero deixar de frisar que o absinto, os licôres, as aguardentes são as bebidas fermentadas que têm mais alcool e essências que constituem verdadeiros venenos cujos efeitos perniciosos se somam com os do alcool.

O vinho é de todas as bebidas alcoolicas a menos perigosa, abaixo da cerveja e da cidra. Claro que os vinhos de pasto são menos perigosos que os chamados vinhos finos; mas deve-se preferir sempre o vinho tinto ao vinho branco.

No quadro seguinte se vê bem a quantidade de alcool que cada bebida contém:

Absinto	45 a 75 %	de alcool
Licôres	30 a 40 %	»
Vinhos finos	20 %	»
Vinhos do pasto	7 a 11 %	»
Cervejas	2 a 8 %	»
Cidras	2 a 6 %	»

Quando o vício do vinho seja muito grande e como transição para a abstinência, beber (somente as duas principais refeições) um decilitro de vinho junto a dois decilitros de água ou, o que é mais agradável e saudável, dois decilitros de boa e pura água-pé.

Expostos os inconvenientes e perigos do alcool, doenças provocadas ou agravadas pelo alcoolismo, os males produzidos na sociedade humana, etc., vejamos quais os meios de defesa e combate ao alcoolismo, alguma coisa que há a fazer no regime desumano ou capitalista e o muito que há a fazer no futuro regime humanitário.

Luís CORTEZ
Médico

ACREDITA:

A fracaça geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um único poderoso

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATORIOS DA FARMACIA SORMOSTINO
Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

A comemoração da república no Chafariz de Dentro

O fragateiro António da Piedade não saiu, durante os dias históricos de 4 e 5 de Outubro, do Chafariz de Dentro, de certo para não assistir às comemorações que se faziam fora do seu bairro.

Faz serviço naquele largo o polícia 391, da esquadra do Caminho de Ferro, mais conhecido pela alcunha do «Pala de Bronze».

Este polícia é bastante conhecido, devendo a sua celebridade, inteiramente, ao facto de ser um desordeiro incorrigível, que aproveita a sua impunidade para insultar e agredir toda a gente.

O marítimo a que acima nos referimos foi por ele, sem razão alguma, agredido no dia 4. Não se contentou o polícia em tê-lo agredido nesse dia, pois no dia seguinte voltou a praticar a façanha, enchendo-lhe o corpo de feridas e equimoses.

Tal foi a maneira como se comemorou a república no Chafariz de Dentro. Não se pode dizer que a comemoração não resultasse brilhante e fraternal como a data requeria.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA
[volume de 400 paginas 1\$500]
Pelo correio 16\$50.
Pedidos à administração da «A Batalha».

'A Batalha' na provincia e arradoras Leixões

A grande lãbia de um padre

LEIXÕES, 2.—Há tempos já que o jornalista traulitânico cá da terra anda a fazer um inquérito importantíssimo sobre o soalho da igreja de Matosinhos que, como qualquer outro soalho vulgaris de Lineum, também apodreceu, quem sabe se em virtude de sobre ele entornarem certos líquidos de que os fideis não tenham podido evitar as ejaculações... Propositadamente nos temos calado ante a ridícula inquirição, para não prejudicarmos as várias opiniões que pessoalmente possam ser publicadas no Monitor; Mas agora que o abade Maia vem com hipocrítica missiva animar os papalvos a andarem com as despesas, não podemos consentir, sem o nosso protesto, que ele consiga os seus odiosos fins. Várias têm sido as opiniões que até hoje o órgão monárquico tem publicado: uns querem o soalho aos quadrados, outros em losangos, outros ainda em círculos encerrados... O masmorro do abade acha, porém, que só «um pavimento todo em madeira do Brasil» é que dará o necessário tom, se bem que (insinua o côrvo) isso acarretaria uma elevada despesa e talvez a «confraria» não conte com os meios necessários... «E certo que a generosidade dos paroquianos é grande...» diz ainda o abade, tão acieito está a receber dela inequívocas provas.

Sim, bandido! A papalvice é enorme! E senão fôra ela, não consentiria o povo, tão expoliado sempre pela odienta seita a que pertences, que a sua bôlsa tão magra fosse assaltada ainda para auxiliar (!) as igrejas cujo brutal rendimento chegaria para pagar todas as despesas de instrução e assistência desta desgraçada região!

Madeira do Brasil, hein? Não fazes a coisa por menos, illustre orador sagrado? E os feitiçosinhos? Em losango ou em cilindro? E se fosse em pequeninos «phalus» como algumas igrejas do norte conservam ainda nas suas cornijas? Seria agradável e talvez útil às «extasiadas» clientelas do vosso estabelecimento... E então é que era viver um bom preço pelos lugares, como várias vezes tendes já feito ao vosso frequentadíssimo teatro! Mas vos tendes razão! Expoliar, quanto puderdes, aqueles que vos caem nas mãos, traficantes! Eles não são dignos de outra coisa tal e a sua cegueira que tantas vezes temos querido atacar! Expoliar quanto puderdes, que nos prepareis também o grande serviço de provar a nossa razão, quando nos dirigimos aos trabalhadores lembrando-lhes que não devem consentir que seus filhos frequentem os vossos antros, pelo menos, enquanto o seu cérebro bem formado não saiba escolher entre a Verdade e a Mentira entre a Luz e a Treva!

Expoliar a eterna mina da «ignorância que tendes bem quem vos auxilie! Os amigos da «traulitânia», os amigos da opressão e do crime estarão sempre a vosso lado porque vos fazem parte indispensável da engrenagem estatal que, por todos os lados nos envolve numa cadeia de ferro a que só a Instrução e a Ciência poderão um dia partir as apertadas malhas!—C.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Rêclames

Hoje faz-se no Coliseu dos Recreios a inauguração, nesta época, das matinéas elegantes nas quais têm entrada gratuita todas as crianças até aos dez anos de idade que se apresentem acompanhadas e onde fazem ponto de reunião muitas famílias da nossa primeira sociedade. A' noite também se realiza um soberbo espectáculo com um programa delicioso, em que tomam parte todas as celebridades da grande companhia de circo cujo sucesso se acentua todos os dias. Arrôjo, audácia, sangue frio são as características de todos os trabalhos que ali se executam e que em Lisboa, como no estrangeiro, têm feito a surpresa de toda a gente.

Ninguém deve faltar, portanto, aos espectáculos do Coliseu que são os melhores e mais baratos de Lisboa.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «S. Miguel» são hoje expedidas malas postais para a Ilha da Madeira e Arquipélago dos Açores. Da Caixa Geral a última tiragem de correspondências efectua-se às 7 horas, nas do Cais de Santos, recebe-se correspondências até às 9,45, mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto, e pelo paquete inglês «Desna» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires, sendo a última tiragem de correspondências às 11 horas e para as registadas recebe-se até às 9 horas.

IMPRENSA

«A Capital»
Por desarranjo na máquina de impressão, a última hora, não pôde ontem sair A Capital.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial da A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração da A BATALHA.

TIVOLI

TEL. N. 541
A'S 8 3/4 HORAS

AS TRÊS IDADES

Dampinas na idade de pedra — Dampinas em Roma — Dampinas na actualidade

Admirável criação humorística de BUSTER KEATON (Pamplinas)

Uma corrida em Kentucky

Film de sport em seis partes

UMA PANORAMICA

UMA CINE REVISTA

Na matiné entrada gratuita para as crianças



A vida e as obras de Pedro Kropotkin descritas por Adrian del Valle

Causa-lhe uma impressão muito agradável o observar que o movimento socialista se havia intensificado em Inglaterra. Perto do fim daquele verão recebe a infante notícia de que seu irmão Alexandre morrera na Sibéria onde continuava desterrado.

Naquele mesmo ano publica em Inglaterra o seu primeiro livro «Nas prisões russas e francesas».

No ano seguinte, 1887, sua esposa dá-lhe a satisfação de uma filha, a que põe o nome de Alexandra, em memória do irmão desaparecido.

Nos outono e inverno daquele ano, dá uma série de conferências em grande número de povoações do Reino Unido, sobre as prisões e o socialismo anarquista. Com a cooperação de alguns camaradas ingleses, começa a publicação de *Freedom*, revista mensal comunista.

Escreve para *Le Révolté*, de Paris, continuação de *Le Révolté* por ele fundado, uma série de artigos sobre o anarquismo, que publica em 1888 em um livro que se tornou famoso: «A Conquista do Pão».

Em 1894 visita os Estados Unidos, tomando parte no Congresso Científico efectuado em Washington. Aproveita a sua estada na grande república norte-americana, para realizar em várias cidades uma série de conferências nas quais faz uma exposição e defesa das suas doutrinas socialistas.

O produto integral das referidas conferências destina-se à publicação nos Estados Unidos de «The Solidarity», periódico defensor dos ideais socialistas libertários.

Em 1901, faz uma série de conferências em «Lowell Institute», de Boston.

Desde os princípios deste século até a estalar a guerra europeia, a vida de Kropotkin desliza por verdades mais tranquilas. Com parte o seu trabalho intelectual entre a sua colaboração em publicações científicas, com cujo produto atende às suas necessidades e de sua família, e a que dedica gratuitamente a periódicos libertários, como «Le Révolté», de Paris, «Freedom», de Londres, e outros. E sempre se encontra disposto a prestar o seu concurso em qualquer acto de propaganda. Segue com interesse o movimento operário e revolucionário de todos os países e, desde logo, com particular atenção, os sucessos que se desenrolam na Rússia.

A sua perspicácia não escapa a iminência de uma conflagração europeia, mais tarde ou mais cedo, provocada pela Alemanha, cujo auge militarista previa. Precisamente, ante a iminência do conflito, e actuando pouco de harmonia com suas próprias convicções, ao iniciarem os anarquistas franceses uma campanha contra a lei que aumentava em um ano o serviço militar activo, recomendou-lhes que não se opusessem à dita lei, pois era de certo modo conveniente para contrapor ao militarismo germânico. Kropotkin estava convencido que o triunfo da Alemanha numa guerra com a França, significaria uma forte e duradoura reacção em toda a Europa, que retardaria consideravelmente o advento da Revolução.

Firme nestas ideias, ao estalar a guerra em 1914, manifestou abertamente suas simpatias em favor dos aliados e recomendou aos seus amigos que os apoiassem.

Partiu imediatamente para a Rússia ao ter conhecimento de que o czarismo havia recebido um golpe de morte, surgindo po-

tente a revolução. Fixou primeiramente a sua residência em Petrogrado, e como continuava crente de que o triunfo da Alemanha significaria uma ditadura imperialista e militarista sobre a Europa, esforçou-se por que a Rússia revolucionária não abandonasse os aliados.

Passou a Moscú para realizar-se ali, em Setembro de 1917, a «Conferência Democrática». Numa das sessões, a que assistiu como espectador, ao ser reconhecido foi entusiasticamente saudado pelos conferencistas, a quem dirigiu a palavra, recomendando que se desse à Rússia um regime eminentemente federal.

Continuou em Moscú até à primavera de 1918 e daí se conduziu a uma povoação próxima chamada Dinirovka.

Fiel às suas crenças, não se imiscuiu nas lutas políticas que levaram a revolução por caminhos autoritários, tomando um matiz debilmente socialista com Kerensky e manifestando-se radicalmente marxista com Lênine e Trotsky. No entanto, quando os bolcheviques foram a Brest-Litovsk para firmar a paz com os alemães fez quanto pôde para o impedir, crendo que isso significaria a vitória final dos alemães e por conseguinte o fracasso da revolução russa.

Os factos encarregaram-se de demonstrar-lhe que estava em erro. O povo russo encontrava-se materialmente impossibilitado de continuar a guerra, e, em tais condições — deixando de parte as razões de ordem moral — os bolcheviques foram habéis a concertar uma paz que os livrava de uma invasão e lhes dava tempo para organizarem-se e prepararem-se. Por outro lado, não só não venceu a Alemanha, como dentro dela estalou a Revolução, caindo o Império e o seu militarismo, sendo anulado o tratado de paz de Brest-Litovsk.

Manteve uma atitude benevolente ante o Estado bolchevique, por considerá-lo, com todos os seus defeitos autoritários, um grande passo de avanço para a completa libertação da Humanidade. Por sua parte os bolcheviques reconhecendo o grande valor de Kropotkin, honraram-no, publicando suas obras e colocando um busto de mármore do velho apóstolo do Anarquismo no teatro Praça, quando se celebrou em Outubro de 1918 o primeiro aniversário da Revolução proletária russa.

Quando se firmou a paz de Versaillies, o entusiasmo de Kropotkin pró-aliado se dissipou por completo, chegando ao convencimento de que as grandes potências aliadas se animavam também propósitos imperialistas. O seu desengano foi maior quando viu o apoio moral e material que prestavam aos reaccionários russos no seu empenho de aniquilar a revolução. Num memorável documento reproduzido na imprensa europeia e americana protestou contra tal pérfida conduta, assim como contra o bloqueio a que se submetia o povo russo, na pretensão de o fazer succumbir pela fome.

A morte surpreendeu-o em fins de 1920, na povoaçãozinha de Dimitrovka, em pleno período revolucionário. Contava 78 anos de idade.

Deve ter morrido, satisfeito da grande obra que realizara em vida e que não fora estéril, pois pôde ver com seus próprios olhos o lento surgir da nova aurora que, com seus vermelhos resplendores, anuncia o advento de uma nova era de liberdade e bem-estar.

(Continua)

O DESCARRILAMENTO DE FIGUEIRINHA

A acusação que pesa sobre Carraquico não passa duma infâmia para garantir a impunidade dos criminosos

BARREIRO, 7. — Em homenagem à verdade e ainda no cumprimento dum dever somos forçados a vir depor perante o público no sentido de desfazer uma calúnia que tem amarrado há longos dias nos cárceres da república, uma criatura que teve a infelicidade de não estar nas boas graças da polícia.

Não se queira tornar mais denso o vau que começou a desfazer-se dos verdadeiros autores do descarrilamento de Aljustrel.

Quasi toda a gente sabe, pelo relato dos jornais, quais foram os autores de semelhante crime, mas só a polícia pretende ignorar, no intuito de sacrificar inocentes. Como se compreende que estando o Carraquico à data do descarrilamento fazendo serviço nos caminhos de ferro do Sul e Sueste e na estação do Barreiro e comparando todos esses dias seguidos, como provam as folhas do ponto e os agentes que a mesma confeccionavam, como seria possível fazer parte dos autores do descarrilamento?

E fora disto que simulacro de provas possui a polícia para lhe imputar a responsabilidade no desastre?

Basta de tanta farça!

Tenham pelo menos a coragem de publicamente absolver os maiores e mais repugnantes dos criminosos, mas não queiram tornar-se mais odiosos prossequindo na teimosia de conservar preso um inocente no sentido de estabelecer a confusão e assim, mais livremente, garantirem a impunidade dos repugnantes srs. Silvário Almudova e Palma Mira e outros que muito breve virão a lume.

E assim que esta sociedade forma criminosos que à força de os querer criminosos o conseguem.

E agora que já foram publicamente acusados os verdadeiros criminosos — porque mantêm a polícia preso o ex-ferrviário Carraquico? Só temos uma resposta:

Para gaudir de todos os bandidos mascarados que infestam o país. — Um ferrviário do Sul e Sueste.

A cura das doenças pelas Plantas

* Edição — Preço 2800, pelo correio 2850

Devidos a administração de A Batalha

ACTUALIDADES NO ESTRANGEIRO

ARGENTINA

Condigna recepção a um bando fascista

Desembarcou há tempos no porto de Buenos Aires, o enviado do governo fascista, tenente aviador Locatelli. Foi este repulso «camisa negra» que dirigiu a Mussolini o seguinte telegrama a propósito do hediondo assassinio de Matteotti: «Digo que o sangue de Matteotti não basta para lavar as chagas do passado; e envergou-me de que os italianos chorem a morte dum inimigo da pátria».

O facinoroso julgou que o receberiam de braços abertos na Argentina, e que aplaudiriam os seus ferozes instintos, mas ao desembarcar uma compacta multidão imprecou-o violentamente. E os poucos fascistas que o esperavam, cavalheiros de indústria e ladrões de profissão, foram incapazes de conter o impulso de indignação dos homens que exteriorizavam com um grito unânime a sua repulsa pelos bandidos que têm manietada a Itália, escarnecendo e humilhando o seu povo.

Houve socos e bengaladas, intervindo a polícia, como era de esperar, ao lado dos fascistas, procedendo violentamente contra os operários honestos que demonstravam o seu desagrado pela presença do agente dos carrascos dos trabalhadores de Itália.

ALEMANHA

O Partido Social Democrata efectuou o seu congresso

Por 272 votos contra 74, o congresso do Partido Social Democrata aprovou o relatório da direcção, e na mesma proporção foram rejeitadas uma série de emendas e de propostas emanando da opposição.

O delegado de Leipzig, Muller, falou na necessidade de se purificar o partido de elementos corrompidos, como Barmat, e de o proletarizar.

Heilmann glorificou-se da sua amizade com Barmat, e muito aplaudido por alguns congressistas declarou: «Nós respeitamos o coração ardente da juventude, mas despresamos os críticos da opposição e a demagogia repulsa».

Hermann Muller, ex-chanceler da república imperial, à maneira de defesa de Barmat, lembrou que Branting e Troelstra tinham acompanhado este aventureiro milionário.

O deputado Keil aconselhou que não se apresentassem constantemente ordens do dia, que poderiam ocasionar a queda do gabinete.

Um representante dos socialistas da esquerda quis ler uma declaração em nome de 53 delegados saxões, mas os maioritários fizeram tal barulho que a não pôde acabar de ler. Foi escarnecido e injuriado pela imensa maioria dos congressistas.

O congresso terminou, reelegendo para presidentes do partido, Hermann Muller, Wells e Crispian.

Tudo o que se referia à luta de classe se tinha qualquer cor proletária foi afastado irrevogavelmente pela imensa maioria dos congressistas.

Hindenburg festejado pelos social-democratas

O presidente Hindenburg foi a Bochum presidir às festas organizadas para comemorar a libertação dos territórios ocupados. O chanceler do Reich, dr. Luther, e o social democrata Braun, ministro presidente da Prússia, acompanharam-no.

Na cidade viam-se hasteadas bandeiras imperiais e republicanas, tudo à mistura, pois que também ali todos os políticos desde os nacionalistas aos social-democratas não formam senão um bloco.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

AVISO AOS PRESOS

Por se encontrar demissionário este Secretariado, em virtude de ter terminado o seu mandato no Congresso Confederado, previnem-se os presos de que todos os assuntos que lhes digam respeito podem ainda ser tratados com esta comissão por escrito, devendo os interessados prestarem todos os esclarecimentos devidos.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje às 21 horas os advogados deste Secretariado dão consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cadereta confederal em dia.

ACABA DE SAÍR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha. Por Arckinof. Preço \$50.

Matinées gratuitas no Coliseu

O sr. Ricardo Covões, empresário do Coliseu dos Recreios, oficiou aos ministros da Instrução, Trabalho, Justiça e Guerra e bem assim aos directores das escolas particulares gratuitas, Centros Escolares, Casas de beneficência, Confederação Geral do Trabalho, Voz do Operário, Albergues das Crianças Abandonadas e dos Invalidos do Trabalho, Asilo de Mendicidade, Provedoria da Misericórdia e, enfim, a todas as instituições de beneficência oferecendo entrada gratuita, nas matinées de todas as quintas-feiras a começar de hoje, às respectivas crianças e velhos que queiram aproveitar-se dessa regalia.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 15 desta revista intitulada «Redimida», de Fernando Claro. Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

A atitude dos dirigentes da Federação Marítima

Com o pedido de publicação enviam-nos a carta que a seguir reproduzimos:

«O conflito suscitado entre a F. M. e a C. G. T. não surpreendeu a maioria dos militantes da organização operária, porque já de há muito é de esperar».

Este conflito apenas surgiu um pouco antes do Congresso Confederado, quando deveria estar depois... Nós, que não somos marítimos, estávamos na firme disposição de nada dizer sobre o assunto; porém, como o último número de *O Marítimo* continui a querer demonstrar que o conflito existente é obra exclusiva da C. G. T., resolvemo-nos a vir também demonstrar o contrário.

Os dirigentes da F. M. alegam agora, como defesa, que lhes era completamente impossível continuarem dentro da C. G. T., enquanto o ambiente «intolerante e sectário», que eles dizem ali existir, não se modificava. E nós vamos demonstrar que a intolerância se encontra do lado dos dirigentes da F. M., bastando-nos apenas relatar alguns factos ocorridos quando da última greve marítima nesta localidade.

As várias peripécias por que passou o movimento seria fastidioso estar aqui a descrevê-las, tanto mais que elas são na generalidade bem conhecidas. Por isso nos limitaremos a dizer qual o desfecho do movimento. Foi o mais desastroso que se pode imaginar, o movimento perdeu-se e o sindicato caiu, arrastando na sua queda alguns outros que não estavam bem treinados na luta social, porquanto o patronato, aproveitando-se da sua vitória sobre os marítimos, tratou de exercer represálias nos trabalhadores em geral. E quem foi o culpado de tudo isto?

A má tática dos delegados marítimos que chegaram a escrever aos armadores em nome do sindicato, pedindo a resposta para o hotel onde se encontravam hospedados. Essa falta de tática ainda foi mais longe: não se nomearam comissões de vigilância e desviou-se o movimento do campo revolucionário, deixando-o ao correr do tempo, e, por conseguinte, o campo livre aos traidores. Terminado o movimento, Manuel Rodrigues, da F. M., saiu-se com esta: «O movimento perdeu-se porque foi mal lançado».

A intolerância da C. G. T. em nada se parece, pois, com a dos dirigentes da Federação Marítima.

Mas a verdadeira causa do conflito, essa desconhece-na ainda os marítimos. O verdadeiro motivo do conflito, é o de os dirigentes da F. M., à última hora, terem constatado que não lhes seria muito fácil pôr em prática os seus planos de empalmar a orientação da C. G. T., como era seu desejo. E para isso contavam eles que no Congresso Confederado agora realizado, o número de moscovitários, respectivamente, dos Marítimos, Empregados no Comércio, Arsenalistas, etc., etc., fosse superior por forma a empalmarem a C. G. T. Foram os próprios delegados marítimos que, quando da sua estada aqui, fizeram estas afirmações:

«Os barões da sola, Manuel Joaquim de Sousa e Jerônimo de Sousa — dizem eles — terão de reconhecer que não estamos por mais tempo dispostos a gramá-las».

E aguardavam o Congresso para — tornavam a repetir — definir situações e arrancar algumas máscaras. E cavilosamente iam insinuando que Clemente Vieira dos Santos, no congresso de Aveiro, ingeria copos de aguardente como quem bebe água.

Ora natural seria em nós, que não conhecíamos pessoalmente o camarada Clemente, ficasse uma impressão pessima do seu porte, e isto que se passou conhecemos, estamos certos se passaria com mais espanto, quando no Congresso Confederado de Santarém, ao termos ocasião de conhecer Clemente, verificámos que nada daquilo era verdade!

E são os dirigentes da F. M. que não têm escrúpulos de ferir a reputação dos homens que se sacrificam em prol dos trabalhadores, que acusam a C. G. T. de fazer a scisão no seio dos mesmos trabalhadores.

Os marítimos e todos os trabalhadores em geral, que atentem bem nisto e que ponderem:

A C. G. T., ainda não fez acusações que as não provasse; a intolerância e o sectarismo de que a acusam, é por impedir que a verdadeira intolerância dos sectários de Moscú empalmar a organização operária, levando os trabalhadores portugueses às urnas para satisfação de todos os políticos saídos do seio do proletariado, mais perigosos do que todos os outros que, declaradamente nossos inimigos desde sempre nos têm guerreado. — Olhão, 6 de Outubro de 1925. — Augusto Cesar da Silva, Manuel Teodoro.

A sair por estes dias a 3.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00. A obra mais barata que no género se publica

O Comité de Defesa da República

Da junta directiva do Partido Socialista Português recebemos a seguinte comunicação:

«Para evitar equívocos, os corpos directivos do P. S. P. declaram que nem oficial nem officiosamente pertencem ao chamado comité de Defesa da República; mais, que nenhum dos seus elementos mesmo pessoalmente fez parte desse comité e que só uma precipitação de momento pôde justificar a inclusão dos socialistas nesse organismo, de cuja existência a direcção do Partido Socialista só teve conhecimento pela imprensa».

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracção a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «catched». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado);

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A crise carbonífera inglesa e a acção do operariado

Estalou nova crise na indústria do carvão provocada pelos proprietários das minas que, a pesar dos compromissos formais tomados por Baldwin, impuseram a redução dos salários.

Os proprietários pretendem-se autorizados a reduzir os salários, enquanto os representantes dos mineiros mantêm que foi formalmente combinado que durante as tréguas não haveria qualquer redução.

Depende agora da atitude do primeiro ministro Baldwin o recomeço da crise mineira no ponto em que foi suspensa em 31 de julho com todo o movimento «tradeunionista» apoiando os mineiros.

Declarações de Cook

Cook declarou que a situação actual é, ao mesmo tempo, grave e absurda, e que a ofensiva actual dos proprietários das minas era a consequência directa das últimas eleições. Vê a solução forçada da crise carbonífera na nacionalização das minas, que nenhum partido político poderá impedir.

Contra a exportação de antracite

Na reunião do Comité da Internacional dos Mineiros, em Bruxelas, foram formuladas queixas contra a exportação de grandes quantidades de antracite do País de Gales para a América, em consequência da greve nas minas de antracite dos Estados Unidos.

A Federação dos Mineiros Ingleses prometeu examinar estas queixas, e se elas forem verdadeiras executará as medidas que a Internacional dos Mineiros decidir para evitar esta exportação, que tem por consequência a sabotagem da greve americana.

Os «maus pastores» ingleses

Numerosos membros da União dos Trabalhadores do Mar, dirigida pelo reformista Havelok Wilson, protestaram contra a mentira dos funcionários desta União que declararam que tendo sido consultados todos os seus membros sobre a redução de salários a tinham aceite unanimemente.

O secretário geral da União dos Electricistas, cujos membros são também atingidos pela redução, afirmou da maneira mais categorica que a redução foi resolvida sem se consultar os marítimos. Declarou que, infelizmente, os marítimos devem não sómente lutar contra os proprietários, mas também contra a sua própria associação, acrescentando que este estado de coisas é deplorável para todo o movimento «trade-unionista».

Comissão Pró-Regresso dos Deportados

Congratula-se esta comissão pela maneira como o operariado protestou contra as deportações sem julgamento durante a realização dos festejos oficiais do 15.º aniversário da República.

Muitos desses nefastos políticos que fizeram as deportações e outros não melhores que as consentem, não puderam nessas manifestações afirmar, como é costume, a sua simpatia pelo operariado. Este sabe já de há muito quem são os seus principais verdugos e sabe também até que ponto vai a «soberania do Povo», principalmente quando os políticos não têm escrúpulos em se ligar à União dos Interesses Económicos e satisfazendo-lhes os seus reservados intuitos, deportam para a África criaturas sem julgamento, sem processo, porque se o tivessem já os tinham julgado.

Bem andou o operariado de Lisboa em exteriorizar o seu protesto no momento próprio, isto é: em pleno aniversário da República.

Esta comissão, que não descurará o assunto até que os deportados regressem à metrópole a fim de serem julgados, realizará na próxima terça-feira mais uma conferência sobre o assunto.

Secção Telegráfica

Federações

VINÍCOLA

Secção Federal Vinícola do Norte. — Seguem officios com instruções. O movimento é nacional, segundo nosso officio de 23 de Agosto. Recebemos telegrama. A' manhã vai comissão ao ministro.

PERSEGUIÇÕES

A prisão de quatro trabalhadores rurais

FRONTEIRA, 5. — Ao capricho dum agente da investigação encontram-se presos quatro trabalhadores rurais de Cabeço de Vide, em virtude duma carta anónima dirigida a um proprietário de nome Baptista ameaçando-o de morte.

Ao posto da guarda republicana foram chamados vários trabalhadores, ficando retidos estes. Os presos já declararam e provaram a sua inocência, sabendo muito bem as autoridades que o autor da carta foi um tal Francisco Alves Maridinho.

Os presos estiveram 48 horas incomunicáveis, não lhes tendo o agente ordenado o fornecimento de comida.

As refeições têm sido fornecidas pelos trabalhadores rurais de Fronteira. Estas prisões têm indignado os trabalhadores rurais, porque vêem nelas uma perseguição ao Sindicato, visto que Júlio Manuel Madeira, Francisco António Madeira, Francisco Carreiras e Roque Mena fazem parte da direcção.

Os trabalhadores rurais desta vila reunidos em assembleia geral para apreciar as perseguições movidas aos seus camaradas de Cabeço de Vide protestaram energicamente contra semelhante arbitrariedade. — C.

A RENOVACÃO

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Vida Sindical

Camara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão instaladora

Reúne amanhã, pelas 20 horas, para o assunto da maior importância. Pede-se a comparencia do secretário geral.

COMUNICAÇÕES

Vendedores de Jornais. — Reúniu a assembleia geral que foi presidida por Francisco Maria da Cruz e secretariada por Joaquim Milheires e Américo Ferreira. Além das resoluções, a assembleia resolveu prosseguir na sua acção tendente a impedir que menores de 15 anos e indivíduos de comportamento moral duvidoso possam fazer parte da classe.

Foi aprovado por 48 votos contra 27 que não seja permitido o emprego da mulher na venda dos jornais, falando sobre o assunto Alfredo Marques Pereira, Raúl Marques de Oliveira, Manuel Dias de Matos, Miguel da Silva, Francisco Lourenço, José Maria Pinho, José Maria Matoso e José Monarte.

O delegado da C. S. T. Tiago explicou que os vendedores de jornais tendo dado a sua adesão à Federação do Livro e do Jornal e por conseguinte a C. G. T. deviam também aderir ao organismo local, C. S. T.

Alfredo Marques Pereira diz que a classe dos vendedores de jornais deve dar a sua adesão ao organismo local, pois que dessa adesão só podem advir benefícios para a classe a que pertence e exorta todos os seus camaradas a comparecerem às assembleias e a fazerem a propaganda do seu sindicato.

Em consequência dos muitos trabalhos da Comissão Administrativa e para dar andamento às resoluções tomadas em assembleias gerais e magnas foi nomeada uma comissão que ficou composta por José Maria Pinho, José Maria Matoso, José das Barracas, José Maria Monarte e Miguel da Silva.

Operários Alfaiates. — Reúne a direcção que, entre outros assuntos, resolveu convocar uma reunião de corpos gerentes para a próxima segunda-feira e uma assembleia geral para terça-feira, cujas ordens de trabalho serão oportunamente anunciadas.

Federação Vinícola. — Reúniu a Comissão Administrativa que deu despacho a vários expedientes.

Apreciou a greve do Norte sobre o vasilhame de torna-viagem verificando que ela é de carácter nacional pelo que nenhum camarada seja a que pretexte for, deve arranjar daquele vasilhame enquanto o assunto não for solucionado.

Mais resolveu que a Comissão Administrativa procure a Direcção Geral das Alfândegas e o ministro das Finanças para tratar novamente dum assunto já debatido. Todos os organismos que o desejem devem enviar os seus originais para o órgão corporativo o mais breve possível.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Mobiliária. — Conselho Federal. — Não se tendo realizado ontem a reunião do Conselho, ficou a mesma transferida para as 20,30 com a ordem de trabalhos já publicada.

Federação da Construção Civil. — Comissão Administrativa de «O Construtor». — Pelas 20 horas, sendo indispensável a comparencia do tesoureiro.

Federação Ferroviária. — Pelas 18 horas, a Comissão Executiva.

Operários alfaiates. — Pelas 21 horas, a Comissão Organizadora do 1.º Congresso da Indústria do Vestuário.

Manipuladores de Pão. — Pelas 12 horas, na sede, a comissão de melhoramentos, S. U. do Mobiliário. — Em segunda convocação e para assuntos urgentes, a assembleia geral, às 21 horas.

Compositores Tipográficos. — Direcção, às 18 horas. Pede-se a comparencia da cobrador e do conselho fiscal.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação Vinícola. — Reúne, amanhã, a comissão administrativa.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Rurais de Cano. — Reúnem no dia 4, para apreciar o relatório dos delegados aos congressos federal e confederal, presidindo António Jacinto Dias, secretariado por Francisco Mendes Raposo e João da Silva Ralha, tendo usado da palavra João da Silva Bonzinho, que começa por saldar a assistência, fazendo em seguida a apologia da solidariedade que deve sempre existir entre os trabalhadores, condenando as violências dos governantes e os efeitos perniciosos da religião, alimento do ódio do povo e o bem dos ricos.

António Carrinho diz trazer a assistência as saudações dos congressistas; e descreve minuciosamente os crimes que os lavradores têm em vista, como largarem folhas inteiras de trigo ao gado, para não darem trabalho, e referindo-se aos trabalhos dos congressos, espraia-se em várias considerações.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Assembleia geral. — Reúne-se, amanhã, pelas 20 horas.